

UMA INTERPRETAÇÃO DO EPISÓDIO DO “VELHO DO RESTELO”.

(1980)

[Comunicação apresentada à III Reunião Internacional
de Camonistas, em Coimbra.]

Apresentando esta pequena e singela comunicação livre à III Reunião Internacional de Camonistas, quero, antes de tudo, dar uma demonstração da importância que atribuo a esses encontros, em que, com ciência e erudição, se celebra a glória do maior poeta de Portugal e um dos maiores da Humanidade. E, acrescentando, não hesito em concordar com Sílvio Elia, que diz ser Camões também o maior poeta do Brasil.

A língua é a mesma, podemos, como os portugueses, sentir, em toda a força e sonoridade, o canto épico e o lírico desse incomparável cantor das glórias de Portugal e da alma portuguesa, que são também as nossas glórias e a nossa alma.

Na I Reunião, de Lisboa, 1972, apresentei, como agora, uma pequena comunicação, intitulada “A Língua de Camões e a Linguagem Brasileira”, onde mostrei que muitos fatos do discurso camoniano coincidem com fatos da fala corrente do Brasil, não só no campo da pronúncia mas também no da sintaxe, embora hoje destoantes da fonologia e de algumas construções da fala e escrita corrente de Portugal.

Camões é, na verdade, um dos grandes laços que unem Portugal e Brasil, não só na admiração e entusiasmo que desperta, senão também na influência que exerceu em toda a literatura brasileira, como sobejamente provado ficou com os trabalhos apresentados no concurso aberto pela nossa Comissão Camoniana de 1972, o qual tinha portema, precisamente, “Camões e a literatura brasileira”. O trabalho premiado, de Gilberto de Mendonça Teles, repassa e repassa toda a nossa literatura, rastreado nela a presença de Camões.

Escolhi para tema desta comunicação uma interpretação já antiga que tenho do magnífico episódio do Velho do Restelo. Até sobre o assunto escrevi um artigo no *Jornal do Brasil*, do Rio, em 1957.

Na ocasião não o sabia, mas vim a saber depois, que meu entendimento coincidia, nas linhas essenciais, com o do saudoso Hernâni Cidade, esboçado antes do meu artigo.

Na verdade, isto é motivo de alegria e desvanecimento para mim, que me vi, *avant la lettre*, tão bem acompanhado.

Por isso, esta pequena colaboração será também homenagem ao mestre camoniano, com quem tanto privei e de quem pude bem conhecer a larguíssima erudição e a riqueza humana tão aliciante.

O episódio do velho do Restelo é a passagem de *Os Lusíadas* que mais tem dado margem a interpretações e perplexidades, pelo que representa de contradição ao todo do poema.

Num artigo que escrevi em junho para o *Jornal de Letras*, do Rio, chamei ao episódio o “Anti-Lusíadas”, sem saber que a mesma idéia já ocorrera antes ao Prof. Houwens Post, o que não é para surpreender, porque se trata de coisa óbvia.

O Visconde de Juromenha, Teófilo Braga, Hernâni Cidade, Rebelo Gonçalves, Roger Bismut, Jacinto de Prado Coelho, Giuseppe Tavani, entre outros, ocuparam-se do “velho de aspeito venerando”, que misteriosamente apareceu à hora da partida das naus, fez um eloqüentíssimo discurso e misteriosamente desapareceu, sem deixar nome nem explicar a que veio àquele lugar e àquela hora.

Sem, de modo nenhum querer ser irenista, tenho para mim que todas as interpretações são válidas, como está na moda hoje dizer, inclusive a erudita de Rebelo Gonçalves, que vê no discurso a voz dos homens do norte, conservadores e apegados à terra, e um eco dos coros da tragédia grega. Seria também a voz do “homem da rua”, da aristocracia inconformada com a perigosa audácia dos reis, o choque da política mediterrânea contra a política ultramarina (tão bem glosado por Fernando Pessoa em *Mensagem*), o contraponto da orquestração laudatória.

Será tudo isto e mais alguma coisa. Mas para mim tem um sentido mais profundo e mais íntimo.

O velho do Restelo, anti-herói, é o maior dos heróis camonianos, maior do que o próprio Vasco da Gama; seu discurso é o mais eloqüente e caloroso dentre os tantos discursos que enchem o poema; tem uma intensidade e uma força de sinceridade, que nenhum outro tem. Dele se pode dizer aquilo de Pascal: “La vraie éloquence se moque de l'éloquence”.

Donde essa força, donde esse fascínio arrebatador, donde a extraordinária pujança daquelas palavras tiradas do “experto peito”?

Creio que todas as supra-referidas interpretações são insuficientes para explicar o estranho episódio que, em oitenta e oito versos, condena o que os outros oito mil setecentos e vinte e oito enaltecem, em voz canora e belicosa, que o peito acende e a cor ao gesto muda.

Existe, por certo, algo de misterioso neste misterioso contraponto.

Para mim, só há uma explicação: o velho do Restelo é o próprio Camões. É o Camões devolvido à pátria, “à ditosa pátria minha amada”, e que a encontra decadente, submersa em austera, apagada e vil tristeza. O mesmo ardoroso patriota que cantou as glórias da expansão marítima, a construção do Império, vê agora, desiludido, já desdenhando sua grande cultura e vasta erudição, com um saber só de experiências feito, numa vida de sofrimentos, de exílios, de privações, de maior conhecimento dos homens, do falso louvor dos áulicos, da falta de espírito público dos homens públicos, Camões velho e alquebrado, sem negar nem diminuir - notem bem! - o extraordinário valor da expansão da Fé em terras de infiéis, invectiva, com a maior veemência, o lado negativo, sem grandeza, da epopéia real escrita nos mares e nas terras conquistadas.

Ó glória de mandar, ó vã cobiça
 Desta vaidade a quem chamamos fama!
 Ó fraudulento gosto que se atiça
 Cũa aura popular que honra se chama!
 Que castigo tamanho e que justiça
 Fazes no peito vão que muito te ama!
 Que mortes, que perigos, que tormentas,
 Que crueldades neles experimentas! (IV, 95.)

Tenho para mim como certo (desculpem-me!) que o famoso e misterioso episódio foi escrito depois de pronto o poema.

O canto quarto terminaria na estância noventa e três, como é altamente provável, para não dizer quase evidente:

Nós outros, sem a vista alevantarmos
 Nem a mãe, nem a esposa, neste estado,
 Por não nos magoarmos ou mudarmos
 Do prepósito firme começado,
 Determinei de assi nos embarcarmos,
 Sem o despedimento costumado,
 Que, posto que é de amor usança boa,
 A quem se aparta ou fica mais magoa. (IV, 93.)

Fim. Nada mais para dizer. Completado o canto. Vão partir as naus. Vamos estender velas ao vento e sair à aventura, pisando afetos, vencendo a invencível saudade portuguesa, fechando os corações ao descompasso. Que mais falta para encerrar um canto?

Mas...

Note-se que o episódio principia com a adversativa, que é a forma normal de retomar uma narrativa ou de acrescentar-lhe qualquer coisa inesperada,

contraditória ou lembrada, já a contratempo. No caso, não se trata de contradição ou restrição ao anteriormente dito, como é o valor mais comum da conjunção. Tratar-se-á, pois, do inesperado ou do lembrado depois.

Há contradição, isto sim, com o resto do poema, antes e depois do episódio; não, porém, na seqüência do sentido, com o embarque sem o despedimento costumado. O velho não vai censurar esta, digamos, falta de cortesia, essa infração à usança boa, essa aparente dureza de coração e falta de afeto.

Muda-se o narrador. Deixa de falar Vasco da Gama e toma a palavra o venerando e incógnito ancião, que, apesar de ter voz pesada, foi ouvido claramente dos aventureiros navegantes. Passado o episódio, retoma a palavra o chefe da expedição, no começo do canto quinto.

Isto e outras considerações que eu pudera fazer me levam à forte impressão de que o trecho foi inserido muito depois. Por outro Camões. Não aquele, cheio de entusiasmo, que se tornara a voz da pátria, para cantar os inexplicáveis feitos dos habitantes da pequena casa lusitana. Para celebrar, com fatos reais, uma epopéia escrita nos mares do mundo, nas partes do Oriente e na quarta parte nova.

Agora temos um velho desencantado a cantar sua palinódia. Como que a pedir perdão do que, com tanto engenho e arte, dissera em estilo grandíloquo e corrente.

Camões disse do velho que ele tinha um saber só de experiências feito. Mas, no próprio discurso o desmente, porque o orador faz referência ao miserando Faetonte e ao grande arquiteto Dédalo com o filho Ícaro, vítimas de um desastre fatal. São casos mitológicos, que supõem estudo, informação, erudição. Portanto, o “só de experiências feito” tem de ser entendido como uma hipérbole, uma sobrevalorização da experiência, um como já tardio desprezo pela vã ciência haurida nos livros.

Isto afina com o que o Poeta de si mesmo diz já quase no fim do poema, à estância 154 do canto X: “Nem me falta na vida honesto estudo, com longa experiência misturado”.

E esta madura experiência lhe ensinou, vitalmente, que a maior paixão humana é a paixão do mando, do domínio, do querer ser mais, a soberba, o orgulho, o *eritis sicut dii* (*Gen.*, III, 5). Daí a tremenda objurgatória contra a glória de mandar, a vã cobiça da vaidade, o ardente desejo da fama.

A ser aceitável minha hipótese, como creio, teríamos que Camões alterou o início do canto quinto, para emendá-lo com o acrescentado fecho do quarto.

Dando de novo a palavra a Vasco da Gama, o Poeta assume a psicologia do chefe da expedição e mostra nele desprezo e má-vontade contra o autor do

tremendo discurso, embora reconheça que o inopinado orador era um *honrado* velho. Mas acrescenta que ele *vociferava*, termo que me parece aqui tomado à má parte, embora Aulete lhe dê como primeiro sentido “proferir ou pronunciar em voz alta”. E vêm como exemplo precisamente as palavras introdutórias do canto quinto de *Os Lusíadas*. No entanto, sinto o verbo como sinônimo de “falar com fúria”, “berrar”, “gritar com raiva e com impertinência”, embora não me faltasse um erudito que me trouxesse um passo de Virgílio igualzinho, o qual seria “fonte” de Camões: “Talia vociferans” - “Estas palavras *tais* o velho honrado / *Vociferando* estava”...

Mas a continuação mostra que a objurgatória não terá produzido a menor comoção, o menor abalo no capitão e marinagem: “quando abrimos / As asas ao sereno e sossegado / Vento, e do porto amado nos partimos”. A menos que este trecho já estivesse na suposta redação primitiva.

É claro que não quero perder-me em divagações inúteis, mas é objetivamente certo que na redação que nos chegou, depois da objurgatória do velho, o Gama, tranqüilo, deu ordem de partida, abrindo velas ao sereno e sossegado vento.

Depois da tempestade armada pelo “velho honrado”, paz e bonança na natureza física. Indiscutivelmente um contraste...

Ai está, em modesta exposição, o que tenho pensado do mais eloquente discurso camoniano e da identidade do misterioso velho, herói sem nome e sem jaça, que seria o próprio autor do magnífico poema, cansado, desiludido das ilusões da vida, armado não já de ciência, mas de sabedoria (“um *saber* só de experiência feito”), um Camões já todo voltado para a Jerusalém Celeste, chorando sentado “sôbolos rios que vão por Babilônia”.

(In *Actas* da III Reunião Internacional de Camonistas,
Coimbra, 1987, pp. 341-345.)

PELO REPATRIAMENTO DE “OS LUSÍADAS”.

(1942)

[Nota da redação da revista *Ocidente* - Lisboa] - No número anterior desta revista, aparecido em 1 de junho, suspendemos a campanha iniciada há quase dois anos em prol do repatriamento do exemplar de *Os Lusíadas*, que se dizia ter pertencido a *Lúis de Camões seu dono*, por havermos recebido do Rio de Janeiro informação autorizada sobre a não autenticidade da assinatura, que tão extraordinariamente valorizava o precioso cimélio. Parece que se sorriram de